

Novas Tendências da Comunicação Popular no Contexto das Novas Tecnologias da Informação¹

Vanuza Santos²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo

O objetivo deste trabalho é estudar novas tendências da comunicação popular, originadas no âmbito dos movimentos sociais, suas relações com as tecnologias digitais atuais e seu resultado como um processo de comunicação que atua diretamente na formação do indivíduo e no seu papel como cidadão. A pesquisa foi embasada em diversos autores das teorias da comunicação.

Palavras-chave: Comunicação popular. Estudos de linguagens. Tecnologia.

Para Cicília Maria Khroling Peruzzo (2008, p. 2),

a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação.

Embora cite os termos *comunicação alternativa, participativa, horizontal, comunitária, dialógica e radical*, Peruzzo (2008, p. 2) afirma que eles são constantemente utilizados como sinônimos, por todos possuírem “uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política”.

Alguns autores, no entanto, usam, muitas vezes, o termo *comunicação comunitária* como sinônimo de *comunicação popular*. Com esse viés, no livro *O espírito comum*, Raquel Paiva (2003, p. 49) define a comunicação comunitária como aquela “que efetivamente possa comprometer o indivíduo com o exercício de sua cidadania, que possa permitir-lhe uma atuação no seu real-histórico, podendo transformar, inclusive, sua existência e a das pessoas à sua volta”.

E é nesse contexto que, citando Ciro Marcondes Filho, Paiva (op. cit, p. 136) ressalta o fator político presente na comunicação comunitária, uma vez que a comunicação é um instrumento de poder: “para ele, a vinculação entre jornalismo e comunitário e conceito

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Jornalista (Universidade Positivo), Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UTFPR-PR, email: vanuza.jornalista@gmail.com.

político faz-se no sentido de que jornalismo comunitário é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe”.

Entretanto, com base nas obras de Michel Foucault (1992), podemos depreender que a institucionalização de qualquer forma de comunicação comunitária e/ou popular não deve ser vista sob o prisma de uma conquista histórica ou de uma celebração popular, pois, na verdade, representa uma forma de normatização e controle do sujeito comunicativo.

Foucault ressalta que a mídia, seja ela de cunho tradicional ou popular, pode agir com uma “naturalização da verdade” e como parte de uma sociedade “normalizadora”. Por isso, segundo o autor, a mídia é um elemento importante quando se fala em poder, e o surgimento da comunicação popular pode atuar como um “poder pastoral”, invisível, caracterizado por pequenos poderes locais e comunitários, sendo que esse “poder pastoral” é, na maioria das vezes, individualizante, pois busca fazer o bem geral por meio de uma forma de controle individual.

Apesar de as obras de Michel Foucault não serem dedicadas a analisar a mídia, há muita ligação entre as formas de poder e controle estudadas pelo autor e o controle exercido pelos meios de comunicação. Foucault, no livro *Microfísica do Poder* (2005, p.125), que tem como objeto o século XVIII, ressalta que os reformadores desconheciam as condições reais de opinião e a mídia, “uma materialidade que obedece aos mecanismos da economia e do poder em forma de imprensa, edição, depois de cinema e televisão”. Eles desconheciam que era preciso “passar pelos media”,

e que estes media seriam necessariamente comandados por interesses econômico-políticos. Eles não perceberam os componentes materiais e econômicos da opinião. Eles acreditaram que a opinião era justa por natureza, que ela se difundiria por si mesma e que seria um tipo de vigilância democrática. No fundo, foi o jornalismo – invenção fundamental do século XIX – que manifestou o caráter utópico de toda esta política do olhar (p.125).

Ao olharmos por esse prisma, a comunicação popular, por ser uma alternativa comunitária de informação e divulgação e, em sua maioria, ter como base a produção de notícias e a disseminação da informação comandada pelos próprios agentes da comunidade, também se torna uma forma de poder e de controle em rede. No entanto, assim como defende Foucault (2007), as relações de poder podem ser ao mesmo tempo contraditórias e emancipadoras. Afinal, elas não podem deter os sujeitos que lutam pela liberdade permanentemente, já que, para eles, a possibilidade de escapar está sempre aberta, e, como afirma Foucault (2007, p. 91), “lá onde há poder há resistência”. Dessa forma, a comunicação popular pode ser vista como uma forma de “fuga” dessa condição e um mecanismo que nasce para diminuir essas diferenças.

Nesse sentido, podemos pensar nas mídias que funcionam por meio de veículos populares e comunitários, com alcance reduzido e com tiragem pouco expressiva, mas com grande impacto em termos de questionamento, como mecanismos de resistência aos aparatos de dominação da mídia tradicional e suas grandes corporações com ampla força política e econômica.

Somado ao fato da popularização da internet e das mídias sociais, a comunicação popular, aliada às tecnologias digitais³, passou a ser um importante e influente meio de comunicação usado pelas classes sociais excluídas das pautas da mídia tradicional. Afinal, conforme ressalta Antonio David Cattani & Lorena Holzmann (2011, p. 391), “como toda

³ Entendemos *tecnologia digital* como um mecanismo por meio do qual “o poder e a autoridade ficam distribuídos pelas imensas redes digitais, facilitando a construção social do conhecimento” (MARCUSCHI, 2010, p. 79).

produção humana, a tecnologia deve ser pensada no contexto das relações sociais e dentro de seu desenvolvimento histórico”.

Luís Mauro Sá Martino (2007, p.158) afirma que “a tecnologia, desde o advento da Modernidade, tem sido apresentada como elemento de libertação”. Embora de suma importância, essa liberdade precisa ser usada com cautela, pois, ainda segundo Martino, quando se fala em tecnologia empregada em comunicação, faz-se necessário prestar atenção na forma de uso para que não se torne uma força contrária e influencie no que se está querendo transmitir. Afinal, as mudanças na edição geram mudanças no sentido, pois, “lidando apenas com fatos reais, a montagem transforma-se em uma nova linguagem, um novo discurso criado a partir da seleção de fatos reais. Nesse sentido, todo texto produzido pela mídia é uma ficção” (p. 158).

Segundo Álvaro Vieira Pinto (2005, p. 123), “todo projeto ajusta a máquina às condições da realidade; do contrário seria concebê-la com qualidades absurdas”. O autor ressalta que a máquina está sempre a serviço do ser humano, que a cria para ter condições mais convenientes de produzir algo de forma mais assertiva. E essa é uma das características principais da comunicação comunitária aliada à tecnologia digital: a capacidade de ampliar o acesso das pessoas à comunicação por meio da internet e de se tornarem não somente atores dos conteúdos, mas também produtores e disseminadores das informações geradas.

O uso da tecnologia para ampliar a participação popular é determinante no resultado do conteúdo a ser divulgado – aqui entendido como a linguagem, a forma, o conteúdo, e como ele é percebido pelo receptor, visto que até mesmo a seleção do que é divulgado interfere na construção da percepção do leitor da realidade.

Embora com enfoques e seleção de pautas diferentes, e proporção de disseminação muito maior, o mesmo acontece na imprensa tradicional, conforme afirma Patrick Charaudeau (2013):

O acontecimento em estado bruto sofre uma série de transformações-construções desde o seu surgimento. Quer seja – na melhor das hipóteses – percebido diretamente por jornalistas ou relatado por intermediários (testemunhas, agências de imprensa, documentos), já é o objeto de uma interpretação. Depois, ao entrar na máquina de informar, passa por uma série de filtros construtores de sentidos, e o relato resultante, assim como seu comentário, escapam à intencionalidade de seu autor (p.242).

Para Martino (2007, p.121), “se a construção da história – e, portanto, da realidade – não é notada pelo indivíduo, é necessário encontrar um meio de estudá-la. As notícias, conquanto não sejam retratos fiéis do senso comum, oferecem ao indivíduo os signos necessários à compreensão dos modos de ação do cotidiano”. Ao pensarmos que a linguagem é o condutor de todo esse processo, a análise não só do conteúdo, mas da linguagem e da forma selecionada para divulgar o tema se fazem imprescindíveis. Nesse ponto, reside a importância da comunicação popular como alternativa para uma comunicação feita pela comunidade e para a comunidade. E essa forma de comunicação ganha agilidade, alcance, força e amplia a possibilidade de participação com o uso da internet como meio de divulgação.

Isso porque, conforme afirma Álvaro (2005), a linguagem que circula na internet, porque o meio assim o exige, é, na maioria das vezes, acessível à maioria das pessoas. Essa característica, aliada ao poder de alcance e da interatividade, torna o meio digital ideal para os veículos de comunicação popular. Afinal, para Pinto (2005, p. 493), “evidentemente, a expansão da informação favorece a democratização da sociedade, pelo acesso de todos, em princípio, ao mesmo nível de conhecimento”.

Também para Miriam P.S. Zippin Grinspun (2009), a evolução da tecnologia torna-se fria se não estiver a serviço da cultura e da vida:

O que vemos é que esta evolução vai formando uma cultura onde a tecnologia se toma imprescindível. A técnica é fria e objetiva; a cultura que se vale da técnica e da tecnologia é que levanta a questão do sentido da vida e da busca dos valores que deseja privilegiar (p. 78).

O uso das tecnologias digitais pela comunicação comunitária busca esse sentido de colocar a tecnologia a serviço das pessoas, mas é preciso cuidar da linguagem. Afinal, segundo Luiz Antônio Marcuschi (2010, p. 153), “as mensagens veiculadas nos sites são destinadas a todo tipo de público. No entanto, o locutor precisa estar sempre atento ao emprego da linguagem, uma vez que ‘não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos’”.

Na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (1997), o único objeto real e material de que dispomos para entender o fenômeno da linguagem humana é o exercício da fala em sociedade. Bakhtin ressalta que a linguagem, assim como o mundo, está sempre em movimento e em transformação e que a linguagem é sempre portadora de sentidos sociais:

Assim, por trás de cada texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto. Porém, ao mesmo tempo, cada texto (em sua qualidade de enunciado) é irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado). É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história. Em relação a esta função, tudo o que é repetitivo (p. 331).

Para Bakhtin (2002, p. 121), a comunicação é um ato muito maior do que a troca entre emissor e receptor. A informação é acrescida da participação direta e indireta de seus interlocutores, que levam junto seus valores, suas convicções e sofrem influência das relações sociais e das hierarquias existentes. A interação constituída por dois ou mais indivíduos socialmente organizados, “na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos (1997, p. 311)” é o que importa e que irá dar significado ao ato de comunicação em si. E, por meio dessa relação, interage-se com o outro e cria-se, por meio da língua, um ato de interação social. Ou seja, para Bakhtin (202, p. 121), “a enunciação enquanto tal é um produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições da vida de uma determinada comunidade linguística”.

Na comunicação comunitária, essa interação, no sentido dado por Bakhtin, serve para que esta seja não somente mais um meio de comunicação, mas sim uma alternativa popular de informação e divulgação, que, em sua maioria, tem como base a produção de notícias e a disseminação da informação comandada pelos próprios agentes da comunidade para os agentes da comunidade. É uma maneira de se apropriar da linguagem e da tecnologia para transformar a vida das pessoas geralmente excluídas da comunicação tradicional.

Em parte, por essas características, somadas à popularização da internet e das mídias sociais, as tecnologias digitais passaram a ser um dos mais importantes e influentes meios de comunicação usados pela comunicação popular para atingir seu objetivo de falar com pessoas de todas as classes sociais.

Desde a criação da internet, quando os cientistas do Departamento de Defesa dos EUA criaram uma tecnologia que permitia a comunicação remota entre computadores, a ARPANET, inaugurada em 1969, a intenção principal não foi proporcionar a comunicação entre computadores por meio de uma tecnologia que ajudasse a criar redes, mas acabou sendo uma de suas consequências. O poder de alcance da internet e a facilidade de formar

redes de pessoas ligadas a uma causa e/ou a interesses em comum passou a ser utilizado pelos movimentos sociais e comunidades a fim de fortalecer suas ações e aproximar pessoas em torno de seus projetos e suas lutas. Unido a esse poder de alcance, a interatividade proporcionada pelas novas tecnologias e redes sociais possibilitou que cada pessoa pudesse ser ator na disseminação das causas e agente de informação e divulgação das ações, projetos e valores defendidos pelas entidades e comunidades. Dessa forma, a comunicação comunitária ganhou mais produtores de notícias, que aumentaram o alcance das divulgações e, com isso, aumentaram cada vez mais suas redes.

Segundo Marcuschi (2010), porém, é importante lembrarmos que, em nenhuma sociedade, e muito evidentemente no Brasil, o acesso digital é considerado universal, visto que isso depende tanto da conquista do letramento digital por todas as pessoas quanto do acesso à internet de forma mais ampla e democrática. No país, ainda há um grande número de pessoas que ainda se encontram à margem do fenômeno da sociedade da informação. Afinal, “ninguém consegue ter acesso a tudo o que está na rede, pois as trocas no ciberespaço funcionam como quaisquer outras. Ou seja, estão vinculadas às condições de produção e circulação do discurso (conhecimento, acesso etc.)” (p. 169). Assim, do mesmo modo que a internet é um espaço perfeito para o uso da comunicação popular, contraditoriamente também é um espaço que controla o acesso das pessoas a essas informações.

Ainda segundo Marcuschi (p. 169), a interatividade da rede é intrínseca e, de certa forma, a internet é um espaço democrático, mesmo não sendo universal, o que “significaria falar de uma diversificação de vozes”. E essas algumas das características que tornam a internet o meio ideal a ser explorado pela comunicação popular.

Para Peruzzo (2003), a comunicação popular aparece justamente como uma alternativa de canal de expressão para colocar os assuntos da comunidade em destaque e provocar o debate entre os seus integrantes e as demais pessoas da sociedade:

Nessa perspectiva, a comunicação popular, que hoje chamamos de comunitária, surge e se desenvolve articulada aos movimentos sociais como canal de expressão e meio de mobilização e conscientização das populações residentes em bairros periféricos e submetidas a carências de toda espécie de escolas, postos de saúde, moradia digna, transporte, alimentação e outros bens de uso coletivo e pessoal, em razão dos baixos salários ou do desemprego (p. 247)

Analisando por esse prisma, o uso das tecnologias digitais pela comunicação popular para aumentar o alcance de suas produções passa a ser uma consequência da evolução, visto que, segundo Benjamim, (2012, p. 184), “fazer as coisas ficarem mais próximas é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutividade”.

Dessa forma, a comunicação popular serve como o espaço por meio do qual pode ser formada uma comunidade em rede, vista como conjunto de cidadãos participantes, comprometidos com o bem-estar social, usando o veículo de comunicação como meio para o acesso a cidadania, a interatividade como forma de ampliar horizontes e o debate, a horizontalidade do discurso e das ações como trampolim para pleitear seu lugar na sociedade.

Nesse sentido, aliada às tecnologias digitais, a comunicação popular está a serviço da democracia e pode tornar-se instrumento de cidadania e de justiça social, criando redes, novos espaços de comunicação, de sociabilidade e de organização, e quem sabe também novos espaços de informação e de conhecimento.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. *O Discurso das Mídias*. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2005
_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GRINSPUN, Míriam P. S. – *Educação Tecnológica – desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio e XAVIER, Antonio Carlos. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARTINO, Luís. M. S. *Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao eu digital*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de. *Comunicação para a cidadania*. Salvador/São Paulo: Intercom/UNEB, 2003.
_____. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1998.
_____. *Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaborações no setor*. Revista Palavra Clave, Vol 11, No 2 (2008), Universidad de La Sabana. Colombia. Disponível em:
<http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>
- PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto: 2005.